

O destino final do corpo humano à luz das catequeses da Teologia do Corpo de João Paulo II

*The final destiny of the human body in light of John Paul II's
Theology of the Body audiences*

*Gustavo Escoboza da Costa
Matheus Manhóler de Oliveira*

Resumo

Em vista de uma perspectiva escatológica do fenômeno da morte que dialogue com a cláusula de fé católica na ressurreição da carne e com o ensinamento de que a união definitiva da pessoa humana com Deus não se dará apenas mediante alma, mas também mediante corpo, esta pesquisa teve como objetivo principal compreender o destino final do corpo humano à luz das catequeses da Teologia do Corpo que foram proferidas por João Paulo II (1920-2005) nos primeiros anos de seu pontificado. Estas têm como ponto de partida o diálogo de Jesus com os saduceus, grupo judaico que não acreditava na ressurreição, que questionou o Mestre a respeito da lei levítica do levirato. A partir da resposta de Cristo, o papa polonês compreende a ressurreição não apenas como a recuperação da corporeidade perdida pela realidade da morte, mas um estado novo que a humanidade viverá em seu futuro escatológico, a partir de um processo de espiritualização e divinização do corpo, que ressuscitará de forma diferente de seu estado terreno.

Palavras-chave: João Paulo II. Teologia do Corpo. Corpo humano. Ressurreição.

Abstract

In view of an eschatological perspective on the phenomenon of death that dialogues with the clause of Catholic faith in the resurrection of the flesh and with the teaching that the definitive union of the human person with God will not only occur through the soul, but also through the body, the main purpose of this work is to understand the final destiny of the human body in light of the catechesis of the Theology of the Theology of the Body that were given by John Paul II (1920-

2005) in the first years of his pontificate. These have as their starting point Jesus' dialogue with the sadducees, a jewish group that did not believe in the resurrection, who questioned the Master regarding the levitical law of the levirate. Based on Christ's response, the polish pope understands the resurrection not only as the recovery of corporeality lost through the reality of death, but a new state that humanity will live in its eschatological future, based on a process of spiritualization and divinization of the body, who will be resurrected differently from his earthly state.

Keywords: John Paul II. Theology of the Body. Human body. Resurrection.

Introdução

O fenômeno da morte, além de ser analisado em nível antropológico, considerando os aspectos culturais, sociais e biológicos da vida e existência humana, pode e deve também ser analisado em nível teológico e escatológico. A relevância do seu tema reside no fato de que toda pessoa humana, em qualquer cultura que pertença, não pode dela esquivar-se.

Dentre os temas que possuem íntima relação com a realidade da morte, como a doença e o sofrimento, encontra-se também o tema da corporeidade. Na Filosofia clássica, sobretudo, a partir da perspectiva da antropologia platônica, a morte foi compreendida simplesmente como a separação entre o corpo e a alma. Essa concepção, que trazia por trás uma visão dualista, que influencia peremptoriamente a antropologia cristã, superestima a alma em detrimento do corpo, e não leva em consideração uma correta compreensão do que significa, de fato, ser pessoa humana, nem da morte propriamente dita, pois esta deve ser compreendida como um evento que concerne não apenas ao corpo, mas ao ser humano como um todo.¹ Nesse sentido, compreendemos que se faz necessário uma teologia da morte que dialogue também com uma teologia do corpo.

A doutrina católica, na constituição pastoral *Gaudium et Spes* (GS), ensina que a pessoa humana, caso não tivesse pecado, seria isenta da morte corporal.² Essa morte, por sua vez, será vencida assim que Cristo restituir a salvação à humanidade, na ressurreição escatológica a qual toda a humanidade aguarda e anseia.

Nesse sentido, em vista de possuímos uma adequada visão antropológica cristã do que significa ser pessoa humana, devemos levar em consideração a sua vocação futura, ou seja, seu destino escatológico. Nesse destino, é cláusula de fé que a corporeidade também terá sua importância. Dado o fato de que “Deus chamou e chama o homem a unir-se a Ele com todo o seu ser na perpétua comunhão da incorruptível vida divina”,³ podemos afirmar que a união definitiva da pessoa humana com Deus não se dará apenas mediante alma, mas também mediante corpo.

Frente a essa realidade de fé, o Catecismo da Igreja Católica (CIC) reconhece que

¹ OLIVEIRA, R. A. de., Antropologia da morte. p. 211.

² GS 18

³ GS 18.

“em nenhum ponto a fé Cristã depara com mais contradição do que em torno da ressurreição da carne. Aceita-se muito comumente que depois da morte a vida da pessoa humana prossiga de um modo espiritual. Mas como crer que este corpo tão manifestamente mortal possa ressuscitar para a vida eterna?”⁴ De fato, se professa nas Missas dominicais que se crê na ressurreição da carne. Contudo, ao acompanhar um sepultamento, pode ser fácil pensar que a alma irá para o céu, mas é difícil pensar que aquele corpo cadavérico ressuscitará para a vida eterna.

Com isso, somos colocados diante de problemáticas que tocam diretamente o tema da morte e da escatologia cristã: como se dará, no futuro escatológico do ser humano, a ressurreição do corpo?; como esse corpo permanecerá eternamente a partir da consumação do mundo?. Para compreender os questionamentos que surgem quanto à fé na ressurreição da carne, recorreremos às reflexões teológicas acerca da corporeidade realizadas pelo papa João Paulo II, durante as audiências gerais de quarta-feira, no Vaticano, no início de seu pontificado. Com este artigo, buscamos analisar a maneira como o papa polonês intui que se dará a ressurreição da carne no fim dos tempos.⁵

A grande contribuição de João Paulo II com as catequeses de sua Teologia do Corpo reside no fato de que o papa polonês elabora uma teologia acerca do corpo humano que não era encontrada na teologia católica, apresentando-o como um local teológico e superando a visão de que este deve ser desprezado com relação à alma. Ademais, o conteúdo dessas catequeses oferece um autêntico tratado de teologia, antropologia e ética, levando em consideração os aspectos objetivos e subjetivos do homem e da mulher.

De forma cronológica, as catequeses da Teologia do Corpo proferidas por João Paulo II foram divididas em seis ciclos.⁶ Para este artigo, tomaremos como referência o terceiro ciclo de catequeses, nas quais o papa polonês reflete sobre o destino final do corpo humano a partir do diálogo de Jesus com os saduceus acerca da ressurreição, narrado nos evangelhos sinóticos de Mateus (22,24-30), Marcos (12,18-27) e Lucas (20,27-40).

1. O diálogo de Jesus com os saduceus sobre a ressurreição

Enquanto nos dois primeiros ciclos das catequeses de sua Teologia do Corpo o papa João Paulo II discorre a respeito da origem e história presente do ser humano, o terceiro ciclo é dedicado à reflexão teológica acerca do seu futuro escatológico. Como ponto de partida para sua elaboração teológica, João Paulo II se utiliza do diálogo de Jesus com os saduceus, que o interrogam acerca da ressurreição.

O colóquio de Cristo com os saduceus constitui o terceiro elemento do tríptico de exposições que são constitutivas e essenciais para a teologia do corpo desenvolvida por

⁴ CIC 996.

⁵ As catequeses proferidas pelo papa polonês nos primeiros anos de seu ministério petrino passaram a ser conhecidas usualmente como as catequeses da Teologia do Corpo ou catequeses sobre o amor humano no plano divino. Seu conteúdo corresponde a um conjunto de 133 ensinamentos, dos quais 129 foram proferidos nos primeiros anos de seu pontificado, entre o período de 5 de setembro de 1979 até 28 de novembro de 1984, com algumas pausas para outros assuntos, durante as audiências gerais de quarta-feira no Vaticano.

⁶ O primeiro ciclo compreende as catequeses de número 1-23, o segundo de 24-63, o terceiro de 64-72, o quarto de 73-86, o quinto de 87-117 e o sexto de 118-113.

João Paulo II.⁷ Nesse diálogo, o papa atesta que a resposta de Jesus aos saduceus, ao se referir à ressurreição futura, desvela uma dimensão completamente nova do mistério do ser humano.⁸ Tal diálogo é encontrado nos evangelhos sinóticos de Mateus, Marcos e Lucas⁹:

Naquele dia, aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não existir ressurreição, e o interrogaram: “Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer sem ter filhos, seu irmão se casará com a viúva e suscitará descendência para seu irmão. Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro, tendo-se casado, morreu e, como não tivesse descendência, deixou a mulher para seu irmão. O mesmo aconteceu com o segundo, com o terceiro, até o sétimo. Por fim, depois de todos eles, morreu também a mulher. Pois bem, na ressurreição, de qual dos sete será a mulher, pois que todos a tiveram?” Jesus respondeu-lhes: “Estais enganados, desconhecendo as Escrituras e o poder de Deus. Com efeito, na ressurreição, nem eles se casam e nem elas se dão em casamento, mas são todos como os anjos no céu. Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó? Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos” (Mt 22,23-32).

Então foram até ele alguns saduceus os quais dizem não existir ressurreição – e o interrogavam: “Mestre, Moisés deixou-nos escrito: Se alguém tiver irmão que morra deixando mulher sem filhos, tomará ele a viúva e suscitará descendência para o seu irmão. Havia sete irmãos. O primeiro tomou mulher e morreu sem deixar descendência. O segundo tomou-a e morreu sem deixar descendência. E o mesmo sucedeu ao terceiro. E os sete não deixaram descendência. Depois de todos também a mulher morreu. Na ressurreição, quando ressuscitarem, de qual deles será a mulher? Pois que os sete a tiveram por mulher”. Jesus disse-lhes: “Não estais errados, desconhecendo tanto as Escrituras como o poder de Deus? Pois quando ressuscitarem dos mortos, nem eles se casam, nem elas se dão em casamento, mas serão como anjos nos céus. Quanto aos mortos que hão de ressurgir, não lestes no livro de Moisés, no trecho sobre a sarça, como Deus lhe disse: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó? Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos. Estais muito errados!” (Mc 12,18-27).

Aproximando-se alguns dos saduceus – que negam existir ressurreição – interrogaram-no: “Mestre, Moisés deixou-nos escrito: Se alguém tiver um irmão casado e este morrer sem filhos, tomará a viúva e suscitará descendência para seu irmão. Ora, havia sete irmãos. O primeiro tomou mulher e morreu sem filhos. Também o segundo, e depois o terceiro a tomaram; e assim os sete morreram sem deixar filhos. Por fim, também a mulher morreu. Essa mulher, na ressurreição, de qual deles vai se tornar mulher? Pois todos os sete a tiveram por mulher”. Jesus lhes respondeu: “Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas os que forem julgados dignos de ter parte no outro mundo e na ressurreição dos mortos, não tomam nem mulher nem marido; como também não podem morrer: são semelhantes aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. Ora, que os mortos ressuscitam, também Moisés o indicou na passagem da sarça, quando diz: o Senhor Deus de Abraão,

⁷ No presente ciclo, João Paulo II se utiliza da terminologia “homem escatológico” para se referir ao estado da humanidade na ressurreição futura. Nos ciclos anteriores, o papa polonês utilizou as terminologias “homem originário” para tratar da humanidade no início da criação e “homem histórico” para a pessoa humana marcada pela realidade do pecado e da redenção operada por Cristo.

⁸ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 290.

⁹ BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 16. impr. São Paulo: Paulus, 2021.

Deus de Isaac e Deus de Jacó. Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos; todos, com efeito, vivem para ele” (Lc 20,27-38).

Conforme o relato neotestamentário supracitado nos três evangelhos sinóticos, o grupo judaico dos saduceus, que não acreditava na realidade da ressurreição, questiona a Cristo a respeito da lei levítica narrada em Dt 25,5-6, conhecida como a lei do levirato. No antigo testamento, a presente legislação obrigava que um homem se casasse com a mulher do seu falecido irmão caso este tivesse morrido sem deixar filhos, a fim de ter descendência reconhecida como sua.¹⁰

À luz de tal diálogo, ou seja, do questionamento dos saduceus e da resposta dada pelo Mestre, o papa polonês observa dois elementos fundamentais na resolução apresentada por Jesus: o enunciado a respeito da futura ressurreição dos corpos e o enunciado acerca do estado desses corpos que serão ressuscitados. Ademais, pontua que Cristo apresenta ao seu grupo de ouvintes, os saduceus, que se julgavam hábeis intérpretes das Sagradas Escrituras, um equívoco de método, dado não conhecerem as Escrituras, e um equívoco de mérito, pelo fato de não aceitarem o que é revelado nelas, não conhecerem o poder de Deus e não acreditarem Naquele que se revelou a Moisés.¹¹

Conforme João Paulo II, é fundamental que os três evangelhos sinóticos contenham a narrativa de que na futura ressurreição, o ser humano, ao readquirir o corpo na plenitude da perfeição própria da imagem e semelhança de Deus com a sexualidade que lhe é própria, não se casará.¹² O presente relato bíblico o leva à conclusão de que o matrimônio é uma realidade que pertence exclusivamente a este mundo, ou seja, na ressurreição ele perde a sua razão de ser e, portanto, não pertence ao futuro escatológico do ser humano.¹³

Por conseguinte, o papa descreve que a ressurreição, de acordo com as palavras de Jesus, não significa apenas a recuperação da corporeidade e o restabelecimento da vida humana em sua completude mediante a união da alma com o corpo, mas também significa um estado completamente novo da existência humana.¹⁴ Deste modo, João Paulo II afirma:

As palavras “nem se casarão, nem se darão em casamento” parecem ao mesmo tempo afirmar que os corpos humanos, recuperados e também renovados na ressurreição, manterão a sua peculiaridade masculina ou feminina, e que o sentido de ser, no corpo, homem ou mulher será no “outro mundo” constituído e entendido de modo diverso daquele que foi “desde o princípio” e, portanto, em toda a dimensão da existência terrena. [...] As palavras pronunciadas por Cristo sobre a ressurreição nos permitem deduzir que a dimensão de masculinidade e feminilidade – isto é, o ser, no corpo, de varão e de mulher – será de novo constituída juntamente com a ressurreição do corpo no “outro mundo”.¹⁵

Assim sendo, a ressurreição não dissipa a natureza corpórea da pessoa humana, mas a transforma.¹⁶ Posto isso, somos levados a compreensão de que a diferença sexual

¹⁰ HAHN, S.; MITCH, C., O evangelho de São Marcos, p. 73.

¹¹ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 294.

¹² JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 299.

¹³ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 299.

¹⁴ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 300.

¹⁵ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 300-301.

¹⁶ ANDERSON, C. A.; GARCÍA, J. G., Chamados ao Amor, p. 240.

entre homem e mulher não desaparecerá com a ressurreição, ou seja, o ser humano não deixará de ser feminino ou masculino, mas conservará a sexualidade que lhe é própria em seu futuro escatológico.

2. A espiritualização e a divinização do corpo

João Paulo II explica que no “outro mundo”, ou seja, no futuro escatológico do ser humano, acontecerá uma “espiritualização” que se dará de maneira diversa da sua vida terrena. Por meio dessa espiritualização, a pessoa humana não terá sua natureza psicossomática transformada em natureza angélica, mas através de um “sistema de forças” no seu interior atingirá uma nova submissão do corpo ao espírito.¹⁷

Conforme o papa polonês, enquanto a humanidade marcada pela realidade do pecado original pleiteia um combate entre o que é corpóreo e o que é espiritual, a humanidade escatológica estará livre dessa batalha, pois na ressurreição o corpo retornará à perfeita unidade e harmonia com o espírito. Além do mais, essa “espiritualização” exprime não apenas o domínio do espírito sobre o corpo, mas também que as forças do espírito irão penetrar nas energias do corpo.¹⁸

Diante dessa realidade, João Paulo II ressalta que não se trata de uma “desumanização” ou “desencarnação” do ser humano, mas sim a sua perfeita “realização”, que consiste na profunda harmonia entre espírito e corpo.¹⁹ Verdadeiramente, a perfeição escatológica e a suma realização da pessoa humana ocorrem mediante o estado permanente da união da alma com o corpo, que se dará com a ressurreição.²⁰

Além da condição de “espiritualização”, o papa polonês verifica que a humanidade também atingirá um estado de “divinização”. Por meio desta, haverá uma penetração e permeação daquilo que é a natureza humana por aquilo que é a natureza divina, ou seja, é uma participação na vida interior de Deus mesmo, que se comunicará não só à alma, mas a toda subjetividade psicossomática da pessoa humana.²¹ Deste modo, a graça de Deus não apenas santificará a alma da pessoa humana, mas também permeará seu corpo.²²

Dentro dessa realidade escatológica, não é somente o espírito que permeará o corpo da pessoa humana, mas também o próprio Espírito Santo.²³ Com isso, compreende-se que pertence ao destino escatológico do ser humano a participação na vida divina da Trindade. Ademais, essa atuação do Espírito Santo sobre o corpo da pessoa humana não a leva à destruição, mas à plenitude do seu significado original.²⁴

Finalmente, João Paulo II enfatiza que essa “divinização” deve ser entendida não só como um estado interior da pessoa capaz da contemplação de Deus face a face, mas também como uma nova forma da sua subjetividade pessoal à medida da união e

¹⁷ JOÃO PAULO II, PP., *Teologia do Corpo*, p. 301.

¹⁸ JOÃO PAULO II, PP., *Teologia do Corpo*, p. 303.

¹⁹ JOÃO PAULO II, PP., *Teologia do Corpo*, p. 303.

²⁰ JOÃO PAULO II, PP., *Teologia do Corpo*, p. 302.

²¹ JOÃO PAULO II, PP., *Teologia do Corpo*, p. 304.

²² EVERT, J., *Teologia do corpo em uma hora*, p. 76.

²³ WEST, C., *Theology of the Body Explained*, p. 308.

²⁴ ANDERSON, C. A.; GARCÍA, J. G., *Chamados ao Amor*, p. 237.

intimidade com Deus na perfeita comunhão das pessoas. Nesta intimidade, a subjetividade do ser humano não será absorvida, mas destacada de forma mais plena.²⁵ Em outras palavras, a individualidade da pessoa humana não será perdida ou absorvida, mas cada pessoa brilhará em toda a glória de sua irrepetibilidade.²⁶

3. A ressurreição e o significado definitivo do corpo

A partir da “espiritualização” e “divinização” que a pessoa humana alcançará na ressurreição, João Paulo II observa, em dimensão escatológica, as mesmas características que qualificavam o significado esponsal do corpo,²⁷ que no “outro mundo” será desvelado através da contemplação de Deus “face a face”.²⁸

Na ressurreição, o papa constata que haverá o dom de si do ser humano para com Deus como resposta ao de Deus para com o ser humano. Nesta autodoação beatificante da pessoa humana se manifestará o estado virginal do corpo como complemento escatológico do significado esponsal do corpo, em que a visão “face a face” de Deus fará nascer no ser humano um profundo amor para com Deus, que absorverá totalmente sua subjetividade psicossomática. Para João Paulo II, a virgindade é “o sinal específico e a expressão autêntica de toda a subjetividade pessoal”.²⁹ Além disso, é o sinal específico da integração da pessoa humana como fruto da comunhão perfeita com Deus.³⁰

Por conseguinte, João Paulo II discorre que no “outro mundo”, ou seja, no futuro escatológico do ser humano, se redescobrirá a perfeita subjetividade de cada pessoa humana e a perfeita intersubjetividade de todos. Esta realidade manifesta a autêntica e absoluta realização da subjetividade humana, bem como o absoluto cumprimento do significado esponsal do corpo.³¹ Destarte, esse significado, que anteriormente à realidade do pecado original se manifestava em vista de autodoação e afirmação da pessoa, no futuro escatológico será realizado de maneira perfeitamente pessoal e comunitária.³²

Conforme João Paulo II, o corpo, que desde o princípio foi feito para ser um sinal característico da pessoa criada no mundo visível e como o meio da recíproca comunicação entre as pessoas, terá seu valor definitivo e revelado através da sua glorificação.³³ Desta maneira, mediante a experiência da ressurreição, o significado esponsal do corpo que outrora fora deformado e limitado como consequência do pecado não será apenas restaurado, mas também levado à sua plena realização.³⁴

²⁵ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 304.

²⁶ WEST, C., *Theology of the Body Explained*, p. 309.

²⁷ A temática do significado esponsal do corpo é desenvolvida por João Paulo II em suas catequese da Teologia do Corpo desde o primeiro ciclo. Em resumo, este significado corresponde à capacidade que a pessoa humana possui de exprimir o amor de total autodoação e de afirmar a pessoa. Este, que foi experienciado pela pessoa desde a criação, não é perdido com o pecado, mas pode ser vivido por todos a partir da redenção operada por Cristo, a partir de uma vida segundo o Espírito.

²⁸ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 305-306.

²⁹ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 307-308.

³⁰ WEST, C., *Theology of the Body Explained*, p. 321.

³¹ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 308-309.

³² JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 313.

³³ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 313.

³⁴ WEST, C., *Theology of the Body Explained*, p. 322.

Além do mais, o papa polonês discorre que o significado perene do corpo humano será novamente desvelado em tal simplicidade e esplendor que todos os que participarem do “outro mundo” encontrarão, mediante o seu corpo glorificado, a fonte da liberdade do dom.³⁵ Essa liberdade, por sua vez, alimentará as diversas comunhões que formarão a grande comunidade da comunhão dos santos.³⁶

Acerca dessa experiência que a pessoa humana terá do significado do seu próprio corpo, João Paulo II intui:

Será esta uma experiência completamente nova, e ao mesmo tempo não será de nenhum modo estranha àquilo em que o homem “desde o princípio” teve parte e nem sequer por aquilo que, na dimensão histórica da sua existência, constituiu nele a fonte da tensão entre o espírito e o corpo, sobretudo relativa precisamente ao significado procriativo do corpo e do sexo. O homem do “outro mundo” voltará a encontrar, nessa nova experiência do próprio corpo, precisamente a realização daquilo que trazia em si, perene e historicamente, em certo sentido, como herança e mais ainda como tarefa e objetivo, como conteúdo do *ethos*.³⁷

Ou seja, será uma experiência absolutamente nova, mas que não será alheia ao que o homem e a mulher no princípio vivenciaram e ao longo da história tem buscado recuperar.³⁸ Em suma, de acordo com João Paulo II, o corpo humano que na união com Deus será glorificado, terá seu significado esponsal revelado de forma absoluta e eterna na ressurreição. Ademais, através da união de uma perfeita intersubjetividade, unirá a todos os que estiverem no “outro mundo” no mistério da comunhão dos santos.³⁹

Finalmente, o papa polonês constata que “A humanidade do ‘primeiro Adão’, ‘homem da terra’, carrega em si, diria, uma particular potencialidade (que é capacidade e prontidão) para acolher tudo o que se tornou o ‘segundo Adão’, o Homem celestial, ou seja, Cristo”.⁴⁰ Nesse sentido, compreendemos que o ser humano, na totalidade do seu ser em corpo e alma, carrega consigo a potencialidade para a ressurreição da totalidade do seu ser.

Conclusão

O objetivo geral deste artigo foi apresentar como João Paulo II compreende o destino final do corpo humano em futuro escatológico em sua Teologia do Corpo. Para tanto, investigamos as catequeses do terceiro ciclo do conjunto de catequeses sobre o amor

³⁵ Assim como o significado esponsal do corpo, a temática do dom e da liberdade do dom também são desenvolvidas pelo papa nas catequeses da Teologia do Corpo desde o primeiro ciclo. Tal liberdade está na base do significado esponsal do corpo e nos é apresentada diante da realidade de que “homem e mulher estavam nus, mas não se envergonhavam” (Gn 2,25). Essa liberdade é ferida com a realidade do pecado, a partir do qual “abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entreteceram folhas de figueira e se cingiram” (Gn 3,7).

³⁶ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 314.

³⁷ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 313.

³⁸ WEST, C., Teologia do Corpo para iniciantes, p. 108.

³⁹ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 337.

⁴⁰ JOÃO PAULO II, PP., Teologia do Corpo, p. 320.

humano no plano divino, proferidas pelo papa polonês no início do seu pontificado, nas quais ele desenvolve o tema.

João Paulo II desenvolve sua teologia sobre a ressurreição do corpo a partir do diálogo de Jesus com os saduceus, grupo judaico que não acreditava na ressurreição, cuja narrativa encontramos nos evangelhos sinóticos de Mateus, Marcos e Lucas. Em sua resposta aos saduceus, Cristo desvela uma nova dimensão da pessoa humana, que na ressurreição futura conservará a sua sexualidade masculina e feminina.

A ressurreição significa não apenas a recuperação da corporeidade e o restabelecimento da vida humana em sua completude mediante a união da alma com o corpo, mas também significa um estado completamente novo da existência humana. Em seu futuro escatológico, mediante um processo de espiritualização e divinização, o corpo humano, ao ser glorificado, terá seu sentido esponsal, que corresponde à capacidade de exprimir o amor e de afirmar a pessoa, elevado à plenitude. Isso possibilitará a formação da grande comunhão dos santos, a partir da união com o próprio Deus.

Na ressurreição final, o corpo humano ressuscitará de forma diferente de seu estado terreno. Assim como Cristo teve seu corpo glorificado, assim também acontecerá com cada pessoa humana, que desde o princípio é chamada a unir-se a Deus na totalidade do seu ser, ou seja, corpo e alma. Compreender como se dará a ressurreição da corporeidade no fim dos tempos não é uma tarefa simples, contudo, a teologia enquanto ciência pode intuir caminhos pelos quais essa realidade se dará.

Referências bibliográficas

ALVES DE OLIVEIRA, Renato. Antropologia da morte. **Perspectiva Teológica**, v. 53, n. 1, p. 203-224, 2021. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4534>>. Acesso em: 2 mai. 2024. DOI: <10.20911/21768757v53n1p203/2021>.

ANDERSON, Carl A.; García, José Granados. **Chamados ao Amor**: a teologia do corpo segundo João Paulo II. São Paulo: Editora Canção Nova, 2014.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 16. impr. São Paulo: Paulus, 2021.

EVERT, Jason. **Teologia do corpo em uma hora**. São Paulo: Paulus, 2019.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O evangelho de São Marcos**: Cadernos de estudo bíblico. Campinas: Ecclesiae, 2014.

JOÃO PAULO II, PP. **Teologia do Corpo**: o amor humano no plano divino. 2 ed. Campinas: Ecclesiae, 2019.

WEST, Christopher. **Teologia do Corpo para iniciantes**: redescobrimo o significado da vida, amor, sexo e gênero. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

WEST, Christopher. **Theology of the Body Explained**: a commentary on John Paul II's *Man and woman He created them*. 2nd ed. Boston: Paulines Books e Media, 2007.

Gustavo Escoboza da Costa

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Arapongas / PR – Brasil

E-mail: gustavoescoboza@hotmail.com

Matheus Manholer de Oliveira

Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Arapongas / PR – Brasil

E-mail: matheusmanholer@gmail.com

Recebido em: 06/06/2024

Aprovado em: 20/12/2024